

LUX JORNAL

O Liberal - Belém - PA

Publicado: 23 / 10 / 99 pag. 1. COAD E

4468				
------	--	--	--	--

Madeireiros invadem reserva

Terra dos Arara, rica em madeiras nobres, é o alvo da cobiça. Ordem é prender quem retirar as toras.

Os índios Arara, da aldeia Laranjal, localizada na região da rodovia Transamazônica, entre os municípios de Altamira e Itaituba, voltaram a ter suas terras invadidas. Desta vez, o invasor é o madeireiro Constante Treziack, que se diz proprietário de uma área localizada no km 75 da rodovia Transamazônica. O local, segundo o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), está dentro dos limites da reserva e não fora, como alega o madeireiro.

Treziack entrou na área depois de ganhar na Justiça Federal uma sentença de reintegração de posse concedida pelo juiz Daniel Paes Ribeiro. No local já existem pelo menos dez famílias de colonos, que também invadiram a reserva.

De acordo com Marcos Reis, agente de pastoral que atua no Cimi em Altamira, a invasão da reserva foi comunicada ao procurador da República, Felício Pontes Júnior. "Mandamos uma carta ao

procurador pedindo providências", resumiu Reis. "Ainda não temos informações completas sobre o que está ocorrendo no km 75", disse ele. Reis acrescentou que a comercialização de madeira da reserva, feita por Treziack sem o conhecimento dos índios, é um "fato grave que precisa ser investigado".

Repressão - A aldeia Laranjal fica às margens de um rio e muito distante do local onde é realizada a extração de madeira. A ação de Treziack já chegou a ser reprimida em outra oportunidade pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), que o autuou por retirada ilegal, apreendendo 72 toras de mogno.

Reis contou que a terra dos Arara é muito cobiçada por madeireiros da região, que constantemente invadem o local. "Pelo que sabemos, até colonos já invadiram a área e possivelmente es-

tão vivendo lá". Um dos madeireiros que comercializa o produto retirado da terra dos Arara é José Biancarte, residente em Altamira.

O LIBERAL tentou falar ontem com o administrador da Funai em Altamira, Benigno Marques, mas ficou sabendo; através do funcionário do órgão, Edilson Gomes Lima, que ele havia se deslocado para a reserva indígena a fim de averiguar o que está acontecendo. Marques viajou acompanhado do servidor da Funai em Belém conhecido por Abrahão.

O procurador da República, Felício Pontes Júnior, confirmou a O LIBERAL ter recebido a carta do Cimi denunciando a invasão da reserva por madeireiros e colonos. "A ordem é prender em flagrante quem for encontrado na área retirando madeira", acrescentou.

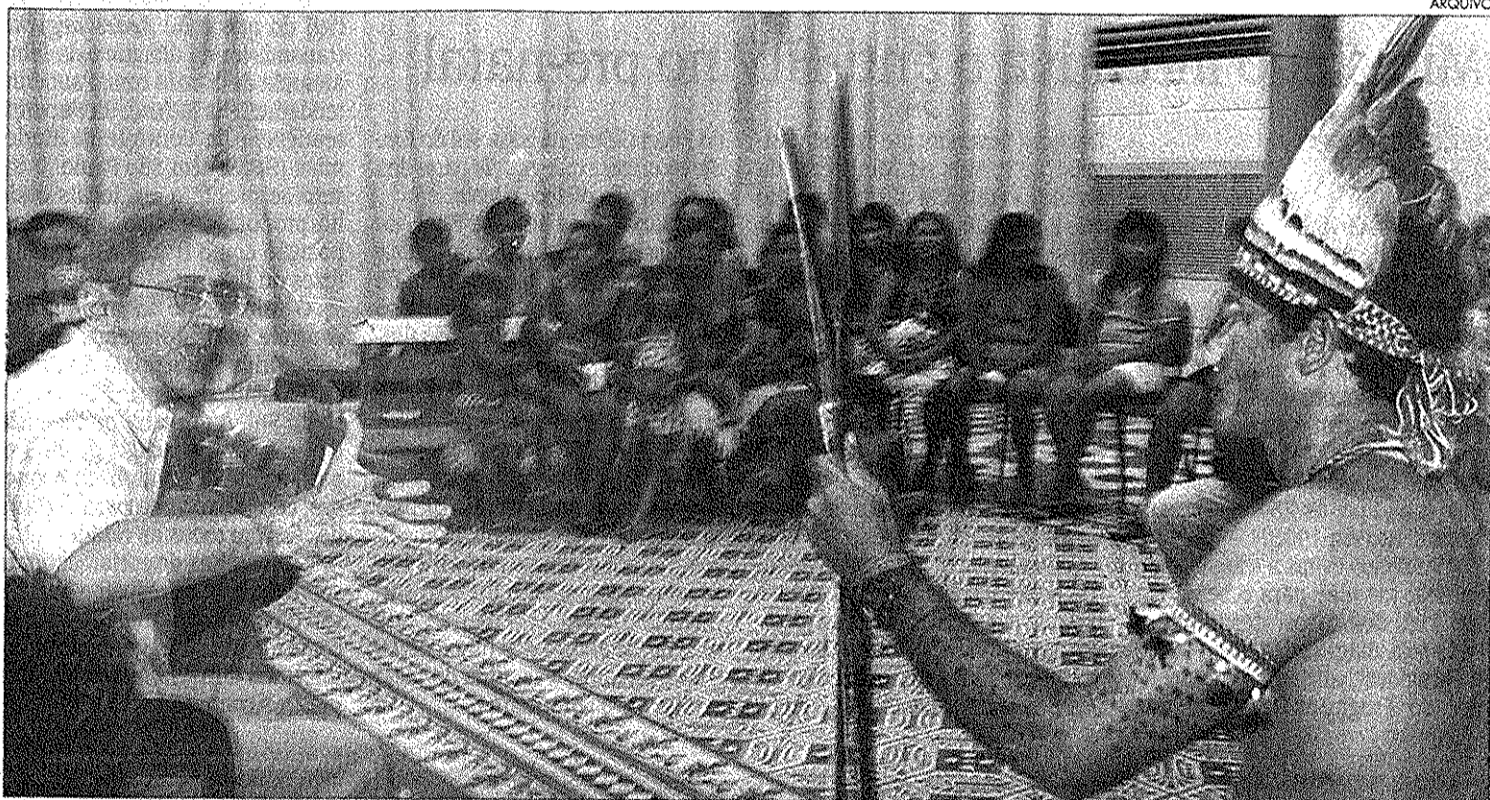
Denúncia - Em março deste ano, o procurador, ao denunciar retirada ilegal de madeira feita pela Bannach na reserva Karaô, dos índios Kayapó, em 1993, anexou ao processo relatório de Benigno Marques. E acrescentou que a "infausta atuação da madeireira Bannach não atingiu apenas os Kayapó, mas também

a reserva dos Arara". A retirada na área dos Arara só parou depois de o Ministério Público Federal ingressar com mandado de reintegração de posse que foi concedido pela Justiça Federal.

Em abril passado, os Arara flagraram oito madeiros que abriam caminho na mata para a construção de uma estrada que cortaria a reserva indígena Cachoeira Seca e serviria para facilitar o contrabando de madeiras nobres, principalmente mogno. Os índios mantiveram os madeiros como reféns e só os libertaram após negociação com a Funai, Polícia Federal e Procuradoria da República.

Extinção - Os índios, revoltados com a invasão, chegaram a ameaçar matar os reféns, exigindo do governo federal uma providência capaz de impedir as madeiras de entrar em suas terras para derrubar a floresta e extrair madeiras nobres.

Os Arara constituem hoje um povo em acelerado processo de extinção. Pouco mais de 100 índios restaram após sucessivos massacres de outras tribos inimigas e doenças provocadas pela chamada sociedade envolvente.



Os índios aceitaram as promessas da Fundação de Saúde, mas voltam pra aldeia desconfiados e prometem voltar

Tembés retornam ressabiados

Os índios Tembê prometeram ontem que, se a Fundação Nacional de Saúde (FNS) não cumprir com sua obrigação de manter médicos, agentes de saúde, enfermeiros e medicamentos nas aldeias do nordeste do Estado, como eles reivindicam e foi prometido pelo coordenador do órgão, Manoel da Luz, voltarão novamente a Belém para "fazer muito barulho, inclusive ocupando a sede da FNS".

Ficou claro, durante reunião realizada ontem pela manhã na Casa do Índio, em Icoaraci, onde estavam presentes dirigentes da FNS, Fundação Nacional do Índio (Funai) e até o procurador da República e dos Direitos do Cidadão, Ubiratan Cazetta, que a FNS ainda está despreparada para entender a cultura indígena.

Enquanto os índios ratificavam

denúncias de que estão abandonadas em suas aldeias e sem assistência médica do governo federal, os diretores da FNS tentavam convencer os Tembê de que a questão não era bem como estava sendo relatada. Alguns dirigentes pareciam assustados com os gritos de guerra dos índios.

Remédios - O cacique Sérgio Muti tranquilizou os diretores, dizendo que eles precisavam aprender muitas coisas com os índios, que estavam ali apenas reivindicando seus direitos. "Queremos respostas às nossas queixas, porque como está não pode continuar", disse ele. O coordenador da FNS, Manoel da Luz, anunciou que duas remessas de remédios já haviam sido enviadas para as três principais aldeias da região banhada pelo rio Guamá.

Sobre a presença de médicos nas aldeias, principal reivindicação dos índios, que denunciaram a morte de três pessoas nos últimos dois meses, acometidas de malária e catapora, Luz disse que uma equipe está sendo montada. O trabalho desses médicos será percorrer as aldeias em caráter emergencial. A FNS também prometeu montar os polos de atendimento médico próximos às tribos.

Cada informação ou questionamento feito pelos diretores da FNS era rebatida pelos Tembê, que falavam em sua própria língua. Um tradutor da Funai fazia a ponte dos diálogos. Os Tembê criticaram o "excesso de burocracia" que impedia na FNS, afirmando que, por causa disso, preferiam lidar com os funcionários da Funai.

Maltratados - Essa observação

dos índios levou o diretor Manoel Luz a concordar com outra reivindicação: a partir de agora, o atendimento na Casa do Índio voltará a ser feito pela Funai. Ela não atuará diretamente na administração, mas agirá como intermediadora entre os índios de várias tribos do Estado e a FNS. Pelo menos a cada 15 dias, um técnico da Funai estará na Casa do Índio. "O nosso pessoal vinha sendo maltratado pelos funcionários da FNS aqui na Casa do Índio", denunciou Sérgio Muti.

"Vamos aguardar melhorias tanto na comunicação com a FNS, como a presença dos médicos e o transporte dos índios doentes das aldeias". Manoel da Luz acredita que a parceria com a Funai e o entrosamento com as lideranças indígenas contribuirão para melhorar a situação dos índios.